



## Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD  
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 12 • Número 36 • Mar 2022

**Dossiê Temático: Centenário de Paulo Freire:  
Dialogicidade e Educação entre lutas e amorosidades**

 <http://dx.doi.org/10.48211/sociodialeto.v12i36.455>

### O PENSAMENTO FREIREANO E A RESISTÊNCIA ORGANIZADA À (CONTRA) REFORMA DO ENSINO MÉDIO NO BRASIL

*FREIREAN THOUGHT AND ORGANISED RESISTANCE TO THE (COUNTER) REFORM OF SECONDARY EDUCATION IN BRAZIL*

Paula Roberta Coutinho Rodrigues (UFMA)<sup>1</sup>  
[paulapororoca@gmail.com](mailto:paulapororoca@gmail.com)

Edinolia Lima Portela (UFMA)<sup>2</sup>  
[edinolia@yahoo.com.br](mailto:edinolia@yahoo.com.br)

**RESUMO:** Esse artigo apresenta reflexões acerca do estudo que vem sendo realizado sobre a reforma do Ensino Médio (EM) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) no Brasil. O objetivo é destacar a Pedagogia Libertadora de Paulo Freire como fundamento ao debate e defesa da formação humana, esse, um dos pressupostos que devem orientar a formação dos alunos do EM, em conformidade com o legado freireano para a educação dos oprimidos. Para tanto, ressalta-se a contribuição da obra de Freire como referencial importante aos educadores que atuam nesse nível de ensino, uma vez que é necessária a crítica às contrarreformas da educação brasileira na atualidade, com destaque para as que foram empreendidas pela Base Nacional Comum Curricular do Ensino Médio. O percurso teórico-metodológico requereu uma revisão de literatura por meio da pesquisa de fontes bibliográficas e documentais, especialmente o estudo dos autores e obras do campo da crítica à educação sob os imperativos do mercado. Conclui-se que está em curso uma reforma empresarial da educação, contudo, há projetos de educação e de formação em disputa, o que significa que ocorrem resistências e a certeza de que a educação é um ato político e uma particularidade humana, conforme Paulo Freire destacou.

**PALAVRAS-CHAVE:** Paulo Freire, Ensino Médio, Formação Humana.

**ABSTRACT:** This article presents reflections on a specific study that has been made on the reform of Secondary Education (EM) and the Common National Curriculum Base (BNCC) in Brazil. This paper aims to highlight Paulo Freire's Liberating Pedagogy as a foundation for the debate and defense of human formation, one of the assumptions that should guide the formation of Secondary Education students, by the Freirean legacy for the education of the oppressed. Therefore, the contribution of Freire's work is pointed out as an important reference for educators who work in Secondary Schools, given that it is necessary to critique the current counter-reforms of Brazilian education, emphasizing those undertaken by the Common National Curriculum Base for Secondary Education. The methodological and theoretical path required a literature review through the research of bibliographic and documental sources, especially the study of authors and works in the education criticism under market imperatives. It is concluded that a business reform of education is underway, however, there are education and human formation projects in

<sup>1</sup>Mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, [paulapororoca@gmail.com](mailto:paulapororoca@gmail.com).

<sup>2</sup>Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia-UFBA, Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, [edinolia@yahoo.com.br](mailto:edinolia@yahoo.com.br).

dispute, which means that there is resistance and the certainty that education is a political act and a human particularity, according to Paulo Freire's highlights.

**KEYWORDS:** Paulo Freire; Secondary School; Human formation

## INTRODUÇÃO

A Pedagogia Libertadora de Paulo Freire tornou-se um referencial metodológico e epistemológico para a didática da Educação Popular, para a luta e organização política das classes sociais identificadas como povo e para a formação do educador, não só no Brasil, mas em diversos países que mantiveram uma interlocução com Freire acerca da educação e da formação humana. Assim, a obra desse pensador brasileiro contribui, até os dias atuais, para a resistência aos processos sociais expressos pela colonização (inicialmente) e pelo capitalismo (do século XX em diante), estes que introduziram nos países a eles submetidos, distorções na forma desses povos verem a si próprios e de resolverem os problemas da relação entre capital e trabalho (FRIGOTTO; CIAVATTA, 2004).

Foi visando à defesa de uma Pedagogia do Oprimido (FREIRE, 2019), em que os homens e mulheres são entendidos não como seres passivos e sem voz, mas como “Ser mais”, dotados de historicidade e cultura, que se firmou o propósito educacional a que se dedicou Paulo Freire, que foi radicalmente contrário às relações sociais de exploração e às políticas de educação pública do Estado capitalista brasileiro.

Contrariando as tendências de exploração mencionadas no parágrafo acima, Paulo Freire imprimiu em seus estudos e experiências em educação a defesa de que homens e mulheres são sujeitos históricos, dotados de cultura, de visão de mundo e que precisavam ser respeitados e incluídos (pela via da escola) por meio de um modelo específico de pedagogia, a Pedagogia Libertadora.

A tese de Freire sobre uma pedagogia que possibilita libertar e transformar homens e mulheres trabalhadores em sujeitos cognoscentes, autores de suas histórias,



## **Web - Revista SOCIODIALETO**

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD  
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 12 • Número 36 • Mar 2022

**Dossiê Temático: Centenário de Paulo Freire:  
Dialogicidade e Educação entre lutas e amorosidades**

 <http://dx.doi.org/10.48211/sociodialeto.v12i36.455>

por meio da *práxis* tendo em vista a transformação social é antagônica ao modelo atual de educação, do qual fez emergir as contrarreformas da educação no Brasil, em especial, as reformas empresariais do Ensino Médio e a BNCC correspondente.

Nesse sentido, esse trabalho é parte de reflexões e de estudos realizados na pós-graduação, em que se desenvolve pesquisa que fomenta a crítica à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), para o Ensino Médio. Assim, defendemos a Pedagogia Libertadora de Paulo Freire como um dos pressupostos que devem orientar a formação dos alunos do EM e o trabalho docente nesse nível de ensino. Para tanto, nos fundamentamos nas obras Pedagogia do Oprimido (FREIRE, 2019); Pedagogia da Esperança (FREIRE, 1992) e Pedagogia da Autonomia (FREIRE, 2004), como suportes teórico-metodológicos necessários ao enfrentamento dessa realidade.

Embora nesse artigo se tenha por objetivo estimular reflexões e debates sobre o legado freireano como uma teoria educacional que contribui para a resistência da educação contra os imperativos de mercado, explicitados na reforma do ensino médio brasileiro, podemos afirmar que, ontologicamente e metodologicamente, a obra freireana é fundamental como *práxis* à formação dos educadores e educadoras. É importante essa ressalva porque são os educadores e educandos (e sua relação) na escola que serão os autores e autoras da materialização do currículo proposto pela BNCC do Ensino Médio assim como serão também os sujeitos que farão a crítica necessária ao modelo atual de sociedade e de educação.

Assim, ganha importância a centralidade da educação básica uma vez que não se pode deixar de registrar que deve haver nas instituições de ensino integrantes das diversas redes (públicas e privadas), que são os gestores, as escolas e os educadores cujas concepções e práticas educativas precisam ser transformadas, pois guardam resquícios tanto das pedagogias tradicionais quanto das pedagogias gerenciais e tecnicistas. Estas últimas que hoje se tornaram fundamentais ao projeto de educação do conservadorismo, autoritarismo e negacionismo científico, cerceadores das liberdades, da autonomia e da capacidade criadora e de crítica dos educandos e educadores.



## **Web - Revista SOCIODIALETO**

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD  
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 12 • Número 36 • Mar 2022

**Dossiê Temático: Centenário de Paulo Freire:  
Dialogicidade e Educação entre lutas e amorosidades**

 <http://dx.doi.org/10.48211/sociodialeto.v12i36.455>

### **O DEBATE SEMPRE ATUAL SOBRE A EDUCAÇÃO E A FORMAÇÃO HUMANA**

O processo de Educação Popular de Paulo Freire se constituiu desde as décadas de 1940 a 1950 do século passado, sempre tendo como referência homens e mulheres em relações sociais. Assim, Freire, por meio de um permanente diálogo com o povo, compreendeu que não somente ensinou, mas, sobretudo, aprendera com aqueles homens e mulheres. Estava dada a tese de quem ensina também aprende, podendo ser considerado o elemento fundante de sua Pedagogia do Oprimido (2019). Mais tarde, em conexão com o livro Pedagogia da Esperança, escrito após o seu exílio, demonstrou a radicalidade de seu pensamento e de seu compromisso como os *oprimidos*, criando os fundamentos da Educação Popular.

Foi nesse processo de construção dos pressupostos da Educação como Prática de Liberdade, que Freire percebera a dimensão política da educação ou da “Educação com Ato Político”. Assim, por meio de sua prática educativa, contribuiu com o processo de desvelamento da realidade opressora, fato que o empurrou para o campo da política e o levou a fazer uma opção de classe: o lado dos oprimidos. Naquele momento as elites dominantes e conservadoras brasileiras “começam a vê-lo como ‘um potencial subversivo’” (SOUZA, 2012, p.14). Em suas andanças pelo mundo e de volta ao Brasil após a ditadura militar, dedicou-se a contribuir para a elaboração de uma metodologia (como práxis) que denunciasse o processo de silenciamento das classes subalternas e anunciasse a possibilidade de transformação social.

Assim sendo, fica mais claro porque o estatuto da Formação Humana é tão importante na obra de Paulo Freire. Para ele cabia, permanentemente, as seguintes perguntas: que homens e mulheres formar? Com quais finalidades e compromissos? E para qual sociedade? A resposta a esses questionamentos contribuiu para definir o projeto

de educação que se quer construir: os princípios, os objetivos, as metas, os conteúdos, a metodologia, os recursos humanos e materiais, os recursos pedagógicos de ensino dentre outros.

Seria ingênuo supor que na Educação Básica, em nosso país, particularmente no Ensino Médio, todos os projetos e processos estivessem comprometidos com a superação da sociabilidade capitalista, com a construção de uma escola democrática e a serviço da construção de homens e mulheres emancipados, autônomos e críticos da ordem social vigente, tendo em vista uma nova sociabilidade.

A partir dos estudos realizados, notamos que as políticas educacionais atuais, não só para o Ensino Médio, mas para a educação em geral, têm encontrado no âmbito do Ministério da Educação, do Conselho Nacional de Educação e das secretarias estaduais e municipais de educação um terreno fértil para a educação de caráter neoliberal. Verificamos também que os programas e os projetos são elaborados segundo os interesses empresariais e de elites conservadoras e autoritárias, geralmente, apregoando soluções para os problemas educacionais em curso, com critérios distanciados da realidade concreta de regiões e estados.

Como geralmente ocorre em reformas voltadas a projetos neoliberais, não são ouvidos os educadores e os gestores escolares, muito menos os educandos. Para tanto, elaboram-se diagnósticos e propostas/projetos de educação, a exemplo da BNCC, pautados em estatísticas e avaliações de larga escala, preconizadas por organismos internacionais que gerenciam os interesses do capital sobre o trabalho e, portanto, que se colocam contra a formação humana porque o que preveem é a competição, a adequação flexível aos processos de trabalho, o empreendedorismo individual, as competências e habilidades práticas.

Notamos, assim, uma profusão de diagnósticos simplistas sobre a realidade juvenil brasileira, tanto no campo quanto na cidade, tomando esses sujeitos da educação como objetos empíricos, silenciando-se esse universo juvenil que é representativo de



## **Web - Revista SOCIODIALETO**

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD  
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 12 • Número 36 • Mar 2022

**Dossiê Temático: Centenário de Paulo Freire:  
Dialogicidade e Educação entre lutas e amorosidades**

 <http://dx.doi.org/10.48211/sociodialeto.v12i36.455>

um contexto contraditório e de grandes problemáticas nacionais: pobreza, discriminação, violência, falta de acesso às políticas sociais, desemprego e subemprego, favelização, residentes em periferias das grandes cidades.

Ainda que no documento das reformas educacionais pela BNCC se faça referência à complexidade das juventudes e à necessidade de que a escola de ensino médio, por exemplo, possa ser espaço de formação autônoma dessa juventude (plural e com diversidade de experiências culturais), termina por desvalorizar a história de vida do estudante quando ao final, o que interessa é formar o jovem para um suposto mercado de trabalho ou segundo os arranjos econômicos locais, perpetuando os interesses da classe dominante e as desigualdades sociais educacionais no Brasil, uma vez que por meio dos Itinerários Formativos e dos Projetos de Vida os alunos são direcionados por caminhos acadêmicos e profissionais diferenciados.

Essa realidade apontada coloca para as escolas e para os educadores a necessidade de saberes essenciais à prática educativa autônoma e coletiva, no sentido da consciência do grupo e não apenas na ênfase ao indivíduo isoladamente. Isso requer profunda e permanente formação dos trabalhadores da educação tanto nas agências formadoras quanto nos espaços de trabalho. Por isso, na *Carta de Paulo Freire aos Professores*, ele destacou que o fato de se ensinar certo conteúdo não deve significar, de modo algum, que “o ensinante se aventure a ensinar sem competência para fazê-lo. Não o autoriza a ensinar o que não sabe” (FREIRE, 2001, p. 259).

Para o autor, todo educador deve ter a responsabilidade ética, política e profissional como *ensinante*, pressupostos que lhes colocam “o dever de se preparar, de se capacitar, de se formar antes mesmo de iniciar sua atividade docente” (FREIRE, 2001, p. 260). “Formação que se funda na análise crítica de sua prática” (FREIRE, 2001, p. 260), o que não se confunde com o saber sobre a prática das pedagogias das competências.



## Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD  
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 12 • Número 36 • Mar 2022

**Dossiê Temático: Centenário de Paulo Freire:  
Dialogicidade e Educação entre lutas e amorosidades**

 <http://dx.doi.org/10.48211/sociodialeto.v12i36.455>

Importante pontuar que Freire (2001) não fez receituários à prática docente, mas ensinou que a experiência de aprender, de conhecer, por parte de quem se prepara para a tarefa docente, envolve necessariamente *Estudar*. Para ele, o Educador é leitor da *palavra* e do *mundo* e desafiou o tempo todo seus leitores e leitoras educadores, de que há sempre algo diferente a fazer na nossa cotidianidade educativa, enquanto práxis – mudança, transformação, superação – que seja na condição de aprendizes (professores em formação) ou como *ensinantes* (no exercício do magistério) ou como *ensinantes* (no exercício do magistério) e, por isso, aprendizes também (aprendendo com nossos alunos).

Daí a necessidade de que os educadores compreendessem realmente a dialética da confrontação e dos conflitos sobre a realidade em que vivem e sobre a escola e seus educandos. Para Freire, não se trata de entender a realidade com a inteligência mecanicista da prática, por meio de uma atitude puramente mecânica, expressão de uma dialética domesticada. Mas, restaurar o significado de ir à raiz os problemas da realidade em que atua. Assim,

Em lugar da decretação de uma nova História sem classes sociais, sem ideologia, sem luta, sem utopia, e sem sonho, o que a cotidianidade mundial nega contundentemente, o que temos a fazer é repor o ser humano que atua, que pensa, que fala, que sonha, que ama, que odeia, que cria e recria, que sabe e ignora, que se afirma e que se nega, que constrói e destrói, que é tanto o que herda quanto o que adquire, no centro de nossas preocupações. Restaurar assim a significação profunda da radicalidade. A radicalidade de meu ser, enquanto gente e enquanto mistério, não permite, porém, a inteligência de mim na estreiteza da singularidade de apenas um dos ângulos que só aparentemente me explica. Não é possível entender-me apenas como classe, ou como raça ou como sexo, mas, por outro lado, minha posição de classe, a cor de minha pele e o sexo com que cheguei ao mundo não podem ser esquecidos na análise do que faço, do que penso, do que digo. Como não pode ser esquecida a experiência social de que participo, minha formação, minhas crenças, minha cultura, minha opção política, minha esperança (FREIRE, 1993, p.9).

Essa atitude diante da história real requer consistência teórica, coerência ética e política o que se contrapõe aos mecanismos norteadores da BNCC do Ensino Médio. Um dos exemplos de incoerência/inconsistência política e metodológica é citar Freire nos documentos das reformas estaduais como fonte de fundamentação teórica para suas propostas curriculares, documentos com os quais Freire jamais pactuaria.

É preciso que os formuladores da política educacional em curso no Brasil saibam que a Pedagogia Libertadora de Paulo Freire é uma Pedagogia da Liberdade e anticapitalista e que sua teoria educacional em nenhum momento se converteu numa Pedagogia a serviço da ordem burguesa. Esta, uma ordem adequada à natureza e à razão que visam a manutenção e eternização dos interesses da classe dominante. Assim, registra-se uma contradição na atitude e no trabalho de muitos educadores e estudiosos que se dizendo “*filiados*” ao pensamento freireano, ingenuamente ou por opção política, propagam teorias que estão em sintonia com as reformas empresariais da educação (FREITAS, 2018) contrariando o estatuto do pensamento freireano.

Nesse sentido, ao invés da liberdade, se colocam a serviço (teoria e prática) da classe dominante e, portanto, *contra* os oprimidos na formulação e execução da política educacional. No caso do Ensino Médio, contrários à formação humana integral e integrada.

Por isso, é importante trazer Paulo Freire (1996) como referência quando se reflete sobre formação humana e educação no ensino médio. Destacamos abaixo o que ele afirmou no Livro *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*, dedicado aos educadores e educadoras:

Devo deixar claro que, embora seja de meu interesse central considerar neste texto (*Pedagogia da Autonomia*) saberes que me parecem indispensáveis à prática docente de educadores e educadoras críticos, progressistas, alguns deles são igualmente necessários a educadores conservadores. São saberes demandados pela prática educativa em si mesma, qualquer que seja a opção política do educador ou educadora (FREIRE, p.21, 2004, Grifos das Autoras).

Verificamos que independentemente do caráter atribuído à educação e da prática docente, progressista ou conservadora, não há como negar o pressuposto de que não há docência sem discência e que ensinar é uma especificidade humana (FREIRE, 2004).

Por isso, o estatuto da Formação Humana é tão importante. As perguntas “que homens e mulheres formar? ”, “E para qual sociedade? ” Seria ingênuo supor que na educação todos os projetos e processos estão comprometidos com a superação da sociabilidade capitalista, com uma escola democrática e a serviço da construção de homens e mulheres emancipados. Daí a análise acerca da reforma do Ensino Médio e a BNCC requerer um arcabouço teórico para fundamentar a resistência a esse processo, e a educação como prática libertadora se torna o horizonte a ser perseguido por educadores e educandos.

Nesse aspecto, o diálogo crítico sobre a realidade contribui para o desenvolvimento da consciência crítica que visa a transformação da realidade. Esse ato é coletivo e “tem que ser feito com os oprimidos, qualquer que seja o grau em que esteja a luta por sua libertação” (FREIRE, 2019, p.72). Um processo que ocorre em função da percepção da realidade concreta dos oprimidos (subalternizados) como conteúdo mediador da educação, sem isso quaisquer tentativas de educação consistirá instrumento a serviço da “domesticação” (FREIRE, 2019).

É essa Pedagogia da Esperança (1992) que se quer resistente à contrarreforma do Ensino Médio no Brasil e que pode fomentar educadores e educandos transformados e esperançosos. Freire, como educador que se dizia esperançoso, era contundente em afirmar:

Esperançoso, atribuo à minha esperança o poder de transformar a realidade e, assim convencido, parto para o embate sem levar em consideração os dados concretos, materiais, afirmando que minha esperança basta. Minha esperança é necessária, mas não é suficiente. Ela, só, não ganha à luta, mas sem ela a luta fraqueja e titubeia. (FREIRE, p. 1992).



## **Web - Revista SOCIODIALETO**

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD  
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 12 • Número 36 • Mar 2022

**Dossiê Temático: Centenário de Paulo Freire:  
Dialogicidade e Educação entre lutas e amorosidades**

 <http://dx.doi.org/10.48211/sociodialeto.v12i36.455>

Mas, não se tratava de uma esperança “que espera”, mas que luta pela transformação da realidade, porque uma necessidade ontológica a tornar-se concretude histórica. Nesse sentido, Freire dizia que não se pode

prescindir da esperança na luta para melhorar o mundo, como se a luta se pudesse reduzir a atos calculados apenas, à pura cientificidade, é frívola ilusão. Prescindir da esperança que se funda também na verdade como na qualidade ética da luta é negar a ela um dos seus suportes fundamentais. O essencial como digo mais adiante no corpo desta Pedagogia da esperança, é que ela, enquanto necessidade ontológica, precisa de ancorar-se na prática. (FREIRE, 1992, p.6).

Refletindo sobre as implicações das reformas educacionais empreendidas pelo governo brasileiro, trata-se de lutar para que, a prática educativa no EM possa ancorar-se no conhecimento sustentado na interrogação crítica para a formação dos alunos porque, re insistia Freire (2004, p.14), “formar é muito mais do que puramente treinar o educando no desempenho de destrezas” ou de habilidades e competências como objetivos pragmáticos.

### **UM RESGATE DA VISÃO FREIREANA DE FORMAÇÃO HUMANA**

Na atualidade, as discussões no âmbito do Estado e da sociedade civil organizada acerca das mudanças curriculares empreendidas no âmbito da Educação Básica brasileira, em especial o Ensino Médio (Reforma do Ensino Médio pela Lei nº 13.415/2017), da Educação Profissional e a BNCC respectiva, tem divididos educadores, gestores, pesquisadores e as organizações classistas e científicas (ANDES-SN, 2017).

Relembramos que esses embates já se operaram historicamente desde que se constatou uma separação entre o Ensino Médio como formação propedêutica o Ensino Médio como Formação Profissional, identificada como dualidade estrutural. Para



## Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD  
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 12 • Número 36 • Mar 2022

**Dossiê Temático: Centenário de Paulo Freire:  
Dialogicidade e Educação entre lutas e amorosidades**

 <http://dx.doi.org/10.48211/sociodialeto.v12i36.455>

Nereide Saviani (1994), isso expressa uma dicotomia como ponto de partida para definir o Currículo: assegurar a educação para fins de formação técnica (enquanto dotação de instrumentos e dos meios) ou formação ampla (fins – a participação social) no sentido da formação humana.

Em Freire (2004) encontramos uma preocupação acerca da realidade concreta das classes oprimidas no Brasil (o ponto de partida) na perspectiva de transformação (ponto de chegada - nova realidade). Ele problematizou a visão dominante *educação bancária* (que ocorre a transmissão sem as mediações necessárias para o ensino) em que o aluno se comporta como um receptáculo vazio de conhecimentos e sem direito à fala e o professor apenas reproduz mecanicamente o conhecimento elaborado sem autonomia metodológica e política.

Como contraponto, indicou caminhos para a prática educativa de opção progressista desveladora, uma experiência de desocultação da verdade e de compromisso com o povo, a educação como ato político (FREIRE, 2004). Assim, Freire afirmou que o oprimido, no caso homens e mulheres, têm como vocação ontológica e histórica de *Ser Mais*. Esse *vir-a-ser* não pode ocorrer somente no intelecto do educando, mas no exercício que conduz esse ato à práxis, caso contrário a educação “serve apenas para manter a dependência, para criar mais dependência” (FREIRE, 2019, p.73).

A ação libertadora da educação, para Freire, não é doação ou beneficência programada, mas projeto de sociedade e de formação humana, de independência de homens e mulheres não de *coisas*. Por isto, se não é autoeducação ou educação sem mediação docente porque – ninguém se educa sozinho -, também não é educação de uns feita por outros sem a dialogicidade necessária e o conhecimento da realidade do educando “[...] porque não se pode realizar com os homens pela “metade”. E, quando o tentamos, realizamos a sua deformação, ainda que já estejam deformados” (FREIRE, 2019, p.74).

Nesse sentido, quando tratamos da contrarreforma do Ensino Médio (EM) no Brasil sancionada pelo então Presidente Michel Temer, em fevereiro de 2017, mas que fora criada desde setembro de 2016, a partir da Medida Provisória n.º 746/2016, é possível afirmarmos que, além do processo de aprovação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC-EM), foram retomados princípios conservadores sobre a educação escolar e um retorno à visão dualista de educação, escola e trabalho, apontando em direção do que se pode chamar educação bancária e contrária a concepção de Educação Progressista, especialmente, a Pedagogia Libertadora de Paulo Freire.

A reforma implica na elaboração de um Currículo para o Ensino Médio, fragmentando-o em diversos Itinerários Formativos, negando-se os pressupostos de uma educação comprometida com a formação humana plena, como uma totalidade compreendida por várias dimensões históricas: Trabalho, Cultura, Religião, Filosofia, Política, Arte, Ciência. Por isso, em Freire (2019) podemos encontrar os argumentos necessários a contrapor esse ataque à educação e escola pública, requerendo uma atitude metódica radical dos educadores. Não se tratando de impor uma teoria, uma explicação do mundo ou “propaganda libertadora” (FREIRE, 2019, p. 74), mas propiciar um saber revolucionário, não como doação, mas como possibilidade de inserção lúcida do sujeito na realidade.

O método em Freire é, então, uma unidade teoria e prática (práxis) como consciência crítica de mundo que se faz “cointencionados” pelo educador revolucionário. Assim, “Educador e Educandos (liderança e massas), cointencionalizados à realidade, se encontram numa tarefa em que ambos são sujeitos no ato, não só de desvelá-la e, assim, criticamente conhecê-la, mas também no ato de recriar este conhecimento” (FREIRE, 2019, p.77).

As três obras que se consideram marcantes do pensamento de Paulo Freire, no caso, a “Pedagogia do Oprimido” (2019); “Pedagogia da Esperança” (1992) e “Pedagogia da Autonomia” (2004) nos mostram que esse educador elaborou um arcabouço teórico-prático que pressupôs o processo da educação como ato político e



## **Web - Revista SOCIODIALETO**

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD  
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 12 • Número 36 • Mar 2022

**Dossiê Temático: Centenário de Paulo Freire:  
Dialogicidade e Educação entre lutas e amorosidades**

 <http://dx.doi.org/10.48211/sociodialeto.v12i36.455>

fomentador de uma transição entre a consciência ingênua para uma consciência crítico-libertadora, só possível pela mediação do educador em diálogo com o educando, focado na forma de produzir sua existência, ou seja, da visão de mundo do oprimido, tendo em vista a liberdade.

Por isso a Formação Humana e o Currículo do Ensino Médio se constituem um campo de disputas político, ideológica e pedagógica, porquanto as concepções de educação, formação e qualidade do ensino (aprendizagem e formação) requerem, permanentemente, transformações e/ou adequações dos Projetos Político-Pedagógicos (PPP) tendo em vista a reorganização do trabalho na escola, em particular o trabalho do professor, em conformidade com o alcance dos objetivos pretendidos pela política educacional apresentada, ou seja, tendo em vista a qualidade de ensino almejada e a realidade onde será materializado o projeto de educação por meio do currículo proposto.

Inferimos que há uma preocupação sobre o processo de seleção e organização do conhecimento nos diversos sistemas educacionais (união, distrito federal, estados e municípios) e instituições escolares, cujo foco de gestão volta-se tanto ao processo de ensino/aprendizagem e avaliação de desempenho escolar, quanto para os mecanismos legais e institucionais de formação e seleção dos educadores.

Nesse contexto, o currículo é a grande referência, no entanto, não se trata de uma referência neutra, pois numa sociedade de classes, a escola tem papel político fundamental, qual seja: oferecer os conhecimentos filosóficos, científicos e artísticos, especialmente à classe explorada que frequenta a escola pública, promovendo de maneira generalizada o enriquecimento intelectual da população (MALANCHEN, 2016).

Por princípio, a educação em sociedades democráticas deveria concentrar a defesa da qualidade do ensino para todos, segundo as necessidades sociais mais prementes (direitos humanos, sociais, políticos, acesso ao patrimônio público etc.) da sociedade, fortalecendo o poder e a autonomia dos educandos sobre suas vidas,

permitindo que os mesmos estivessem aptos ao enfrentamento dos conflitos e problemas contemporâneos (violência; desemprego; pobreza; desigualdades sociais; preconceitos; falta de liberdade de expressão; mercadorização das relações sociais; falta de acesso aos bens e serviços produzidos coletivamente etc.). Mas, essa não é realidade encontrada numa sociedade desigual.

Nesse sentido que Saviani defende que na escola pública, especialmente aquela dedicada aos filhos e filhas das classes trabalhadoras, o trabalho desenvolvido deva proporcionar o encontro daquilo que é universal ao gênero humano com o singular e com os diversos modos de ser humano, produzindo assim, a humanidade historicamente construída (SAVIANI, 2003) em cada aluno e aluna que esteja na escola.

Contudo, esse projeto de formação humana somente será viável por meio de uma formação ampla e profunda assegurada pela educação escolar democraticamente ofertada. Qualquer outro mecanismo de oferta da educação e de organização do currículo escolar, que fragmente o processo formativo do aluno em competência e habilidades pragmáticas, sob pressupostos educativos que suprimem o direito amplo ao patrimônio cultural (Filosofia, Arte, Ciência...) não produzirá a humanidade que se almeja com a educação.

Desta forma, negar a educação integral aos alunos da educação básica, especialmente no EM, ocorre um nocivo impedimento a que tenham acesso à cultura, à ciência, à tecnologia e inovação tendo em vista o desenvolvimento do país e a sua participação nas relações internacionais, hoje, dominadas pelos países imperiais e definidas pela divisão social internacional do trabalho e da riqueza produzida sob a revolução científico, tecnológica e comunicacional, como processo que impacta a vida social.

Isso reforça a necessidade da educação científica dos alunos do Ensino Médio como parte da formação humana central às mudanças sociais e para a qual o EM deva assumir tarefa primordial, assim, contribuir com a formação integral a ser oferecida,



## **Web - Revista SOCIODIALETO**

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD  
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 12 • Número 36 • Mar 2022

**Dossiê Temático: Centenário de Paulo Freire:  
Dialogicidade e Educação entre lutas e amorosidades**

 <http://dx.doi.org/10.48211/sociodialeto.v12i36.455>

prioritariamente, na instituição escolar, ainda que não se deva abrir mão de outros espaços possíveis de formação, uma vez que democratizar a educação “é assegurar o acesso pleno a todos os recursos e disponibilidades que a ciência e a cultura produzem para a qualidade de vida humana sem tratamento discricionário que imobilizam e desumanizam, desqualificam e produzem a morte humana na vida” (FERREIRA, 2008, p.58).

Assim, entendemos que a resistência à contrarreforma do EM e a BNCC se fará a partir da situação presente, concreta, refletindo o conjunto de aspirações do povo. “O desafio, assim, lhe exige resposta, não só no nível intelectual, mas no nível da ação” (FREIRE, 2004, p.120) política como a melhor forma de pensar certo e oferecer uma educação de qualidade social à classe trabalhadora.

A situação vivida por alunos e professores diante da atual reforma do EM e da BNCC constitui uma situação que sinaliza para uma negação desses sujeitos históricos como autores de seu próprio caminhar. Esperamos que a formação humana no Ensino Médio contribua para que “o mundo já não se constitua em um ‘não eu’ para ele” (FREIRE, 2004, p.122) - como aluno e professor -, mas que seja capaz de constituí-lo como Eu histórico.

Freire (2004) tinha clareza de que a burguesia jamais asseguraria educação de qualidade, educação para a libertação, educação como sinônimo de consciência *no mundo e com o mundo*. Também sabia que não existia um mercado de trabalho à espera da juventude tal qual apregoavam as propagandas.

Isso nos leva a supor que a política educacional implementada pela BNCC relegará grande parte da juventude da cidade e do campo às margens desse anunciado mercado de trabalho pela propaganda midiática do atual governo brasileiro, uma vez que, hoje, a maior parte da juventude ou está desempregada e sem estudar ou já ocupa no mundo do trabalho as tarefas mecanicizadas e subalternizadas, que requerem pouco uso do conhecimento sistematizado (ciência, filosofia, arte) que devia conter em sua

formação. Notamos entre estes jovens além da infrequência escolar, do desemprego e subemprego, uma exploração sem precedentes dessa força de trabalho, tal como ocorre com os trabalhos temporários, os uberizados e os entregadores do *ifood* e de outros aplicativos.

Segundo Antunes (2020), existe em curso no Brasil, (também, por força das reformas trabalhistas, previdenciárias, econômicas e políticas, sob o interesse do capital) as principais tendências das novas relações trabalhistas: trabalho precarizado, trabalho terceirizado, trabalho flexibilizado e desregulamentado. Para esse autor, estas tendências têm operado mudanças nas relações de trabalho durante a história recente do país, sob tutela do neoliberalismo e conservadorismo exacerbados, ocorrendo uma devastação integral das forças sociais do trabalho e fazendo explodir um novo proletariado de serviços, que se desenvolve com o trabalho digital, online e trabalho intermitente<sup>3</sup> (ANTUNES, 2020).

## **FREIRE NOS ENSINA A RESISTÊNCIA ORGANIZADA**

Freire, ao se reencontrar com a Pedagogia do Oprimido, por meio das reflexões contidas na obra *Pedagogia da Esperança*, reafirma uma teoria comprometida em dar voz ao oprimido (não como concessão), mas possibilidade de produção coletiva de conhecimento, acerca da realidade concreta de homens e mulheres concretos. Nesse sentido, partindo da visão de mundo e da história dos oprimidos fez a defesa da práxis educativa como ato político e revolucionário, inaugurando uma nova epistemologia do conhecimento.

Sabemos que quando educamos não educamos no vazio e sem uma intencionalidade. Desta forma, no ato de educar há uma ontologia, uma epistemologia,

---

<sup>3</sup> Para aprofundar sobre essas questões elencadas sugere-se a leitura das obras organizadas e publicadas por Ricardo Antunes (2020): *O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital e Uberização, trabalho digital e indústria.*

uma metodologia e um projeto político de educação, fato que fica claro na obra de Paulo de Freire, em especial em Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa, em que ele faz uma síntese categorial dessas três dimensões na formação do educador.

Tais pressupostos são válidos para a natureza do EM uma vez que não cabe mais um conhecimento sobre a realidade do jovem e adulto que chegam a esse nível de ensino, mas elevá-lo no âmbito da consciência crítica e com ele, produzir um novo conhecimento, em diálogo permanente com aquela realidade, tendo em vista transformá-la. Para tanto, Freire convocara à rebeldia (antídoto ao falso ensinar) que, aguçada pela curiosidade, se arrisca, aventura-se a evitar que sejam silenciados, - o aluno e o educador – destinados a cumprir regras autoritárias; à repetição de fórmulas, conceitos e comportamentos descolados de sentido social e cultural e de suas necessidades vitais o que contraria o currículo pela BNCC.

A organização do conhecimento como fragmentos curriculares (Itinerários Formativos), focados em habilidades e competências, não contribui para a formação plena do aluno, conforme posto na LDB 9.394/96 em relação à Educação Básica. Mesmo considerando-se o papel central do Ministério da Educação (MEC) e do Conselho Nacional de Educação (CNE) em programar as reformas da Educação Básica verificamos que esses órgãos cumprem um papel de disputa na sociedade, particularmente, seguem as orientações de classes e frações de classes no poder do Estado (empresários da indústria, comércio, agropecuária, serviços) e tentam adequá-las aos processos do trabalho na atualidade.

Nesse aspecto supracitado a flexibilização do trabalho, o desemprego crescente e a pobreza, delegam ao currículo do Ensino Médio que cumpra diretrizes tendo em vista a política econômica e a apoiar os mecanismos daquela flexibilização da formação básica dos alunos, contrariando a formação humana.



## **Web - Revista SOCIODIALETO**

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD  
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 12 • Número 36 • Mar 2022

**Dossiê Temático: Centenário de Paulo Freire:  
Dialogicidade e Educação entre lutas e amorosidades**

 <http://dx.doi.org/10.48211/sociodialeto.v12i36.455>

Cria-se assim uma situação-limite (impasse) a ser enfrentada (Reforma do Ensino Médio e BNCC e a Formação Humana), ao que Freire declara como tarefa ao

educador ou educadora progressista, através da análise política, séria e correta, é desvelar as possibilidades, não importam os obstáculos, para a esperança, sem a qual pouco podemos fazer porque dificilmente lutamos e quando lutamos, enquanto desesperançados ou desesperados, a nossa é uma luta suicida, é um corpo-a-corpo puramente vingativo [...] na luta que fazemos movidos pela esperança, pelo fundamento ético-histórico de seu acerto, faz parte da natureza pedagógica do processo político de que a luta é expressão (FREIRE, 1992, p.6).

Freire reconhecia os riscos a que nos expomos ao enfrentar problemas, a exemplo da Reforma do Ensino Médio e da BNCC. Ele Identificava tendências: de um lado, “o voluntarismo [...] que empresta à vontade do indivíduo uma força capaz de tudo fazer; de outro, do objetivismo mecanicista, que nega qualquer papel à subjetividade no processo histórico” (FREIRE, 1992, p.11). A primeira concepção atribui à educação um poder que ela não tem e a segunda nega qualquer poder a ela. Daí a defesa da rigorosidade metódica e a necessidade de se defender a educação pública como práxis.

Hoje, tanto quanto ontem, contudo possivelmente mais fundamentado hoje do que ontem, estou convencido da importância, da urgência da democratização da escola pública, da formação permanente de seus educadores e educadoras entre quem incluem vigias, merendeiras, zeladores. Formação permanente, científica, a que não falte, sobretudo, o gosto das práticas democráticas, entre as quais a de que resulte a ingerência crescente dos educandos e de suas famílias nos destinos da escola [...] (FREIRE, 1992, p. 12).

A Reforma do EM nos coloca o imperativo da mudança no domínio das estruturas socioeconômicas capitalistas mais amplas: exige um conhecimento mais crítico da realidade e uma relação de ensino-aprendizagem capaz de contribuir para as mudanças necessárias a assegurar a educação como Formação Humana.



## Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD  
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 12 • Número 36 • Mar 2022

### Dossiê Temático: Centenário de Paulo Freire: Dialogicidade e Educação entre lutas e amorosidades

 <http://dx.doi.org/10.48211/sociodialeto.v12i36.455>

É por isso que, alcançar a compreensão mais crítica da situação de opressão não liberta ainda os oprimidos. Ao desvelá-la, contudo, dão um passo para superá-la desde que se engajem na luta política pela transformação das condições concretas em que se dá a opressão. O que quero dizer é o seguinte: enquanto no meu caso, foi suficiente conhecer a trama em que meu sofrimento se gestava para sepultá-la, no domínio das estruturas socioeconômicas, a percepção crítica da trama, apesar de indispensável, não basta para mudar os, dados do problema. Como não basta ao operário ter na cabeça a ideia do objeto que quer produzir. É preciso fazê-la (FREIRE, 1992, p.16).

É preciso manter viva a teoria freireana, mas que sejamos fieis aos seus pressupostos, entre os quais a ética, a política, a luta e a rigorosidade metódica. Adotarmos a profundidade do seu entendimento sobre *conscientização* e *libertação*, caso contrário não se realiza a educação como práxis, tão cara em suas andanças pelo mundo e em seus escritos. Para tanto, exigirá o exercício da compreensão profunda de suas teses, sem dicotomizá-las e ou torná-las dissociáveis da realidade e das condições de vida das classes subalternizadas ou oprimidas, essa é uma necessidade ético-política da educação libertadora.

Freire (2001, p. 261) afirmava que “a experiência da compreensão será tão mais profunda quanto mais sejamos nela capazes de associar, jamais dicotomizar, os conceitos emergentes da experiência escolar aos que resultam do mundo da cotidianidade”, ou seja, relacionar o conhecimento sistematizado (episteme) com o conhecimento prático, empírico (doxa). Para tanto, “um exercício crítico sempre exigido pela leitura e necessariamente pela escuta é o de como nos darmos facilmente à passagem da experiência sensorial que caracteriza a cotidianidade à generalização que se opera na linguagem escolar e desta ao concreto tangível” (FREIRE, 2001, p.261).

Uma das formas de realizarmos este exercício, segundo Freire, consiste na apreensão do que ele se referia como *leitura da leitura anterior do mundo*, que era entendendo-se como *leitura do mundo* aquela que precedia a *leitura da palavra* e “que perseguindo igualmente a compreensão do objeto se faz no domínio da cotidianidade. A



## **Web - Revista SOCIODIALETO**

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD  
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 12 • Número 36 • Mar 2022

**Dossiê Temático: Centenário de Paulo Freire:  
Dialogicidade e Educação entre lutas e amorosidades**

 <http://dx.doi.org/10.48211/sociodialeto.v12i36.455>

leitura da palavra, fazendo-se, também, em busca da compreensão do texto e, portanto, dos objetos nele referidos, nos remete agora à leitura anterior do mundo” (FREIRE, 2001, p.261). Contudo, deixava claro que a leitura do mundo que é feita a partir da experiência sensorial não basta, ela não pode ser desprezada como leitura inferior, é ponto de partida e de chegada, “da leitura que se fará a partir do mundo abstrato dos conceitos que vai da generalização ao tangível” (FREIRE, 2001, p.261).

Portanto, Freire não nega a ciência, não nega o conhecimento escolar, não nega o papel docente na mediação do conhecimento, assim como não nega a importância da construção reflexiva na apreensão do saber escolar, nem o papel de homens e mulheres na história e a perspectiva de transformação social. Esse é um alerta, pois na atualidade, ainda que possa parecer que esteja em curso à valorização das identidades, a diversidade cultural, que haja *o lugar de fala*, a realidade concreta demonstra que tudo desmorona e que há uma hegemonia das teses conservadoras, neoliberais e neofacistas, contrárias a emancipação humana.

É nesse sentido que Freire mostrava que a história da humanidade não se faz por determinações e circunstâncias que não possam ser mudadas - essa uma aprendizagem em Marx (1993), em que os homens e as mulheres criam as circunstâncias e as circunstâncias os transformam e vice-versa.

Por isso, é inegável a atualidade do pensamento freireano o que o torna primordial para a resistência, tendo em vista o enfrentamento dos discursos neoliberais, cheios de ‘modernidade’ e, concordando com as palavras de Freire:

o neoliberalismo não tem força suficiente para acabar com as classes sociais e decretar a inexistência de interesses diferentes entre elas, bem como não têm força para acabar com os conflitos e a luta entre elas (FREIRE, 1992, p.20).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Insistir numa visão de escola silenciada e de professores e profissionais da educação com visões e concepções de mundo e de homem, sem ideologia, sem posicionamento político, com atitudes profissionais neutras e conceber um Ensino Médio e seu currículo para a formação de mão-de-obra (mito da empregabilidade) é inventar uma escola que se distancia, cada vez mais, de sua finalidade primordial - a formação humana.

Em contextos parecidos com o atual (perda de direitos básicos, avanços de pautas neoliberais), Freire já nos alertava que “Convencer ou tentar convencer os incautos de que essa é a verdade é uma prática política indiscutível com que se pretende amaciar a possível rebeldia dos injustiçados” (FREIRE, 1992, p.40). Por isso não cabe a defesa da BNCC do EM sob o paradigma das competências, entendendo-se que essa postura é tão política quanto às concepções de mundo e de educação que querem calar a educação pública e seus educadores por meio de contrarreformas da educação.

A Pedagogia das Competências exige tanto no ensino técnico e profissional quanto na educação geral (básica) que as noções de saber, saber-fazer, objetivos e metodologias de ensino sejam associadas à explicitação de uma atividade ou tarefas (práticas) em que aquelas possam se materializar e se fazer compreender (RAMOS, 2001). Isso impossibilita separar a definição da realização da tarefa, pois é nessa última que ela se realiza. Os alunos saídos desse processo no ensino médio devem validar o conhecimento transmitido pela aplicabilidade do mesmo, ao exercício de atividades na produção de bens materiais ou de serviços (as competências exigidas).

Nesse sentido, por meio de indicações de pressupostos e conteúdos formalizados e explicitados na BNCC, a educação dos alunos do Ensino Médio deve contemplar dois aspectos: o primeiro destaca o que esses alunos devem ‘saber’ (considerando a constituição de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores) e, o segundo, indica o



## **Web - Revista SOCIODIALETO**

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD  
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 12 • Número 36 • Mar 2022

**Dossiê Temático: Centenário de Paulo Freire:  
Dialogicidade e Educação entre lutas e amorosidades**

 <http://dx.doi.org/10.48211/sociodialeto.v12i36.455>

que os alunos devem ‘saber fazer’ (considerando a mobilização desses conhecimentos, habilidades, atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho), sempre em conformidade com o que apregoam o MEC e o CNE, havendo, portanto, a explicitação das competências como referências para o currículo, portanto, o fortalecimento de ações que assegurem as aprendizagens essenciais definidas na BNCC (BRASIL, 2018, p.13).

Essa visão de educação e de currículo orientado por competências se contrapõe ao caráter histórico-crítico da educação e de formação humana, para as quais a função da educação, mais especificamente da educação escolar

é a de identificar quais conteúdos são prioritariamente fundamentais na continuidade do desenvolvimento e evolução do gênero humano, isto é, na formação humana omnilateral<sup>4</sup> e, desse modo, quais conteúdos produzidos historicamente devem ser selecionados e incluídos no currículo escolar de forma a torna-lo realmente um instrumento para emancipação do ser humano. Conteúdos que possibilitem, desse modo, o desenvolvimento integral de todos os sentidos humanos, como Marx expressou nos Manuscritos Econômico-Filosóficos. (MALANCHEN, 2014, p.3).

Observa-se, porém, que há resistências ao primeiro modelo (o das competências) e, portanto, Esperança, para se defender a educação pública com qualidade. Ainda que estejamos em épocas de desalento, exploração, pobreza, desemprego, deseducação permanente e mercado predatório, a que a maioria de nós está submetido. Evidencia-se o caráter antideterminista da Pedagogia Libertadora, e esta nos convida a criar alternativas à ofensiva neoliberal sobre a educação pública e seus educadores e educandos. Temos esperança! Porque sem ela não dá para começar a batalha das ideias tão necessária nos dias atuais. Mas, Freire nos alerta:

A desesperança nos imobiliza e nos faz sucumbir no fatalismo em que não é possível juntar as forças indispensáveis ao embate recriador do

---

<sup>4</sup> A formação omnilateral se refere ao processo de formação humana que se contrapõe à formação unilateral decorrente do processo de trabalho alienado, da divisão social do trabalho, das relações de exploração capitalistas, estas que são parciais e limitadoras da educação como atividade que visa desenvolver o sujeito em todas as suas potencialidades (SAVIANI; DUARTE, 2012).



## **Web - Revista SOCIODIALETO**

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD  
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 12 • Número 36 • Mar 2022

**Dossiê Temático: Centenário de Paulo Freire:  
Dialogicidade e Educação entre lutas e amorosidades**

 <http://dx.doi.org/10.48211/sociodialeto.v12i36.455>

mundo [...] mas esperançoso não atribuo à minha esperança o poder de transformar a realidade e, assim convencido, parto para o embate sem levar em consideração dados concretos, materiais, afirmando que minha esperança basta [...] Pensar que a esperança sozinha transforma o mundo e atuar movido por tal ingenuidade é um modo excelente de tombar na desesperança, no pessimismo, no fatalismo. Mas prescindir da esperança na luta para melhorar o mundo, como se a luta se pudesse reduzir a atos calculados apenas, à pura cientificidade, é frívola ilusão [...] Enquanto necessidade ontológica precisa de ancorar-se na prática. Enquanto necessidade ontológica, a esperança precisa da prática para tornar-se concretude histórica. É por isso que não há esperança na pura espera, nem tampouco se alcança o que se espera na espera pura, que vira, assim, espera vã (FREIRE, 2019, p. 17).

O movimento que se dá no contexto da luta de classes é, simultaneamente, antagônico e contraditório porque os sujeitos do processo histórico são homens e mulheres concretos. Assim, sempre haverá espaços de convivência e organização social que gerarão conservação e transformação, daí a importância da tese de Marx e Engels (1993), que podia ser Freire, “o Educador precisa ser educado”.

Desta forma, reafirmar o valor da Pedagogia da Liberdade de Paulo Freire, em meio à tragédia produzida pelo neoliberalismo, é um compromisso que todo educador brasileiro, do campo progressista, deva ter com a Educação enquanto Ato Político e com a escola pública brasileira, como espaço de formação da classe trabalhadora e de seus filhos e filhas, tal qual esse pensador dedicou sua vida obra a defendê-las.

Esse legado freireano deve ser o princípio e o fundamento da Educação brasileira, ou não é educação libertadora comprometida com a formação humana e com a transformação social tão necessária para que se superem as desigualdades sociais, inclusive a educacional.

### **REFERÊNCIAS**

ANTUNES, Ricardo (Org.). **Uberização, trabalho digital e indústria 4.0**. São Paulo: Boitempo, 2020.



## Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD  
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 12 • Número 36 • Mar 2022

**Dossiê Temático: Centenário de Paulo Freire:  
Dialogicidade e Educação entre lutas e amorosidades**

 <http://dx.doi.org/10.48211/sociodialeto.v12i36.455>

ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital.** São Paulo: Boitempo, 2020.

BRASIL. Presidência da República; Casa Civil; Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017.** Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2017/lei/113415.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/113415.htm). Acesso em: 30 dez. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular: Ensino Médio – Versão Final.** Brasília: MEC: Secretaria de Educação Básica, 2018.

FERREIRA, Naura Syria Carapeto; BITTENCOURT, Bernardete Gueda. **Formação humana e gestão da educação: a arte de pensar ameaçada.** São Paulo: Cortez, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 2004.

FREIRE, Paulo. **Política e educação.** São Paulo: Cortez, 1993. (Coleção Questões de Nossa Época; v.23).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido,** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. Carta de Paulo Freire aos Professores. **Estudos Avançados, 15 (42),** 2001.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989. (Coleção polêmicas do nosso tempo; 4)

FREITAS, Luís Carlos de. **A Reforma empresarial da educação: nova direita, velhas ideias.** São Paulo: Expressão Popular, 2018.

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria (Org.). **Ensino médio: ciência, cultura e trabalho.** Brasília: MEC, SEMTEC, 2004.

MALANCHEN, Julia; MATOS, Neide da Silveira Duarte de; ORSO, José (ORG.). **A Pedagogia Histórico-Crítica, as políticas educacionais e a base nacional comum curricular.** Campinas, SP: Autores Associados, 2020. (Coleção educação contemporânea).

MALANCHEN, Julia. **Currículo e Pedagogia histórico-crítica: a defesa da universalidade dos conteúdos escolares.** X reunião ANPED SUL, Florianópolis, out. 2014.

MALANCHEN, Julia. **Cultura, conhecimento e currículo: contribuições da pedagogia histórico-crítica.** Campinas, SP: Autores Associados, 2016.

|  |   |
|--|---|
|  | <p><b>Web - Revista SOCIODIALETO</b><br/>Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD<br/>Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU<br/>ISSN: 2178-1486 • Volume 12 • Número 36 • Mar 2022<br/><b>Dossiê Temático: Centenário de Paulo Freire:<br/>Dialogicidade e Educação entre lutas e amorosidades</b><br/> <a href="http://dx.doi.org/10.48211/sociodialeto.v12i36.455">http://dx.doi.org/10.48211/sociodialeto.v12i36.455</a></p> |
|--|---|

SAVIANI, Nereide. **Saber escolar, currículo e didática**: problemas da unidade conteúdo/método no processo pedagógico. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 1994.

SINDICATO NACIONAL DOS DOCENTES DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR – ANDES/SN. **Cartilha da contrarreforma do ensino médio**: o caráter excludente, pragmático e imediatista da Lei nº 13.415/2017. Brasília: ANDES/SN, 2017.

SOUZA, Ana Inês. **Pensando com Paulo Freire**. Guararema, SP: Escola Nacional Florestan Fernandes, 2012.

---

Recebido em: 31/12/2021 | Aprovado em: 06/05/2022.

---